



Force Commander General de Divisão José Luiz Jaborandy Junior, 29 de março de 2014.

# A Estratégia Militar Brasileira na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti de Clausewitz ao Novo Desafio

Tenente-Coronel Márcio S. Walker, Exército Brasileiro

A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi estabelecida em 1º de junho de 2004 pelo Conselho de Segurança (CS), em sua resolução de número 1542<sup>1</sup>.

**A**ção da MINUSTAH foi marcada por empregar forte contingente militar, com importante participação do Brasil. O comando do componente militar foi assumido por um general brasileiro que foi responsável pela “Arte Operacional”, coordenando a ação de militares de diversos países e desenvolvendo conhecimento doutrinário em um cenário estratégico de ambiente urbano complexo.

Ainda, essa estratégia, contou com a importante participação de tropas brasileiras na MINUSTAH, que foi, e ainda é, determinante para restabelecer a

segurança daquele país, principalmente na área mais violenta da capital Porto Príncipe<sup>2</sup>.

O objetivo deste artigo é analisar a estratégia militar brasileira, segundo os princípios de Clausewitz, e o desafio da MINUSTAH de transferir o sucesso da abordagem militar para uma nova fase de responsabilidade política.

## Consciência Situacional

A Consciência Situacional consiste na percepção precisa e permanentemente atualizada do ambiente operacional e no reconhecimento da importância de cada elemento em relação à missão atribuída<sup>3</sup>.

O Haiti localiza-se na ilha no Caribe que foi batizada de Hispaniola por Colombo em 1494. Dominada por franceses por muito tempo, em 1791 uma rebelião



O Force Commander, Gen Div Jaborandy, realizando o debriefing da operação conjunta com os Comandantes do BRABATT e Sri Lankan Battalion (SRIBATT), com o Componente Policial (UNPOL and Formed Police Unit) e com a Polícia Nacional Haitiana (PNH), em Grand Ravine, na grande Porto Príncipe, 25 de julho de 2014.

Componente	Países
Pessoal das Forças Armadas	Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, El Salvador, Equador, Estados Unidos, França, Guatemala, Honduras, Indonésia, Jordânia, México, Nepal, Paraguai, Peru, Filipinas, Sri Lanka e Uruguai.

Fonte: Nações Unidas, 2015.

## Tabela 1 – Distribuição de Tropas

de escravos, liderados por Toussaint L'Ouverture, estabeleceu o fim da escravidão e, em 1804, o país conquistou sua independência, recebendo o nome de Haiti, ou seja, “país montanhoso”<sup>4</sup>.

Por dois séculos após sua independência, o país construiu uma história de 34 golpes de Estado e promulgou 23 constituições, até chegar ao governo de Jean-Bertrand Aristide, em 1990, que foi deposto em seu primeiro mandato. Reconduzido ao governo e temendo a falta de lealdade, Aristide dissolveu as Forças Armadas, deixando homens desempregados, ressentidos e armados. A forte oposição provocou manifestações de rua e violentos distúrbios em todo o país.

No período de 1993-2000, a ONU tentou resolver o problema com quatro missões:

- ◆ Missão da ONU no Haiti (UNMIH), de 1993 a 1996;
- ◆ Missão de Apoio da ONU ao Haiti (UNSMIH), de 1996 a 1997;
- ◆ Missão de Transição da ONU no Haiti (UNTMIH), de agosto a novembro de 1997; e
- ◆ Missão da Polícia Civil da ONU no Haiti (MIPONUH) de 1997 a 2000.

No entanto, as missões fracassaram e, em 29 de fevereiro de 2004, com um governo marcado por uma democracia frágil, que provocou sérias consequências socioeconômicas, ambientais e securitárias, o presidente Aristide renunciou novamente.

Estabeleceu-se no Haiti um cenário de total descontrole público e guerra civil, sem um governo nacional capaz de garantir a autoridade e soberania. As *gangs* instauraram o “terror” com sequestros e assassinatos com extrema crueldade, com graves violações dos direitos humanos<sup>5</sup>. Assim, considerando que a situação no Haiti se constituía uma ameaça para a paz internacional e a segurança na região, o Conselho de Segurança da ONU decidiu estabelecer a sua quinta missão no país, a MINUSTAH.

Além do efetivo militar e policial da MINUSTAH, a ONU destinou ao país agências civis para estabelecerem o desenvolvimento do Haiti. A missão tomou vulto com o terremoto de 2010 que devastou o país, deixando mais de 300 mil mortos e 15% da população desabrigada.

Assim, para que os objetivos estratégicos sociais, sob responsabilidade das agências civis da ONU, fossem atingidos seria fundamental a missão ao componente militar, ou seja: “garantir o ambiente seguro e estável”.

### Arte Operacional e Clausewitz

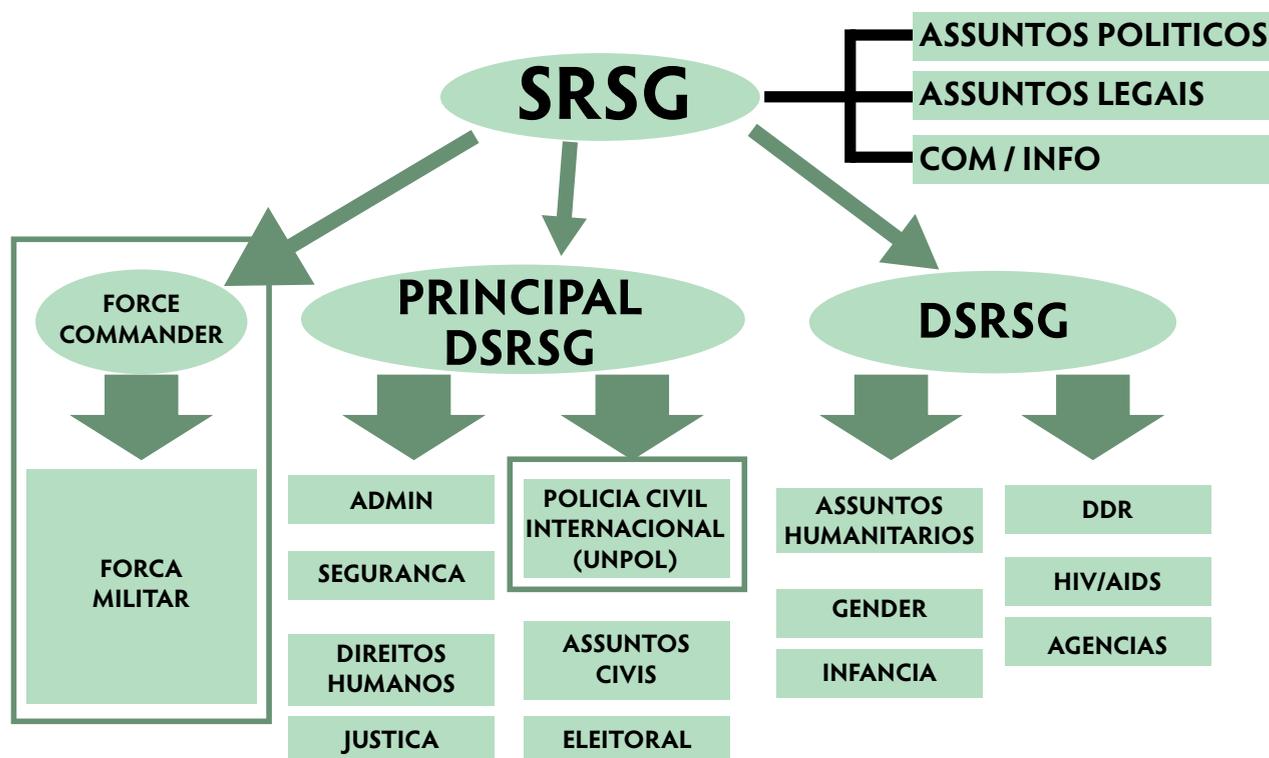
A Arte Operacional fornece a ligação entre o sucesso tático e a consecução dos objetivos estratégicos<sup>6</sup>.

A “Arte Operacional”, sob a ótica militar, está ligada diretamente ao exercício do comando e traduz o enfoque cognitivo do comandante militar, ou seja, no caso da MINUSTAH, do *Force Commander*.

Segundo Clausewitz, a Arte da Guerra é própria do general, é o que dá o ritmo das ações, por seu planejamento operacional e visão estratégica. O general tem forte influência na doutrina militar que será empregada pela coalizão de tropas. Por isso, cabe ao general o “desenho operacional” para determinar como o problema militar será resolvido<sup>7</sup>.

Esse emprego é direcionado segundo a “Intenção do Comandante” que estabelece os objetivos da operação e as condições que definem o “estado final desejado”. Assim sendo, o *Force Commander* é a ligação entre a missão militar estabelecida pelo nível político e o emprego do conceito estratégico da operação no nível tático.

Conforme colocou o Gen Ex Heleno<sup>8</sup>, muitas pessoas confundem o componente militar com a própria MINUSTAH. No entanto, a missão foi configurada pelo conceito multidimensional, envolvendo a participação de três componentes: militar, policiais e civil. A



Fonte: Heleno, 2007

**Figura 1 – Organização da MINUSTAH**

MINUSTAH é dirigida pelo Representante Especial do Secretário Geral da ONU (SRSG), o componente militar é comandado pelo Force Commander e o componente policial é chefiado pelo Police Comissioner.

Ou seja, a missão do componente militar é bem específica: “manter um ambiente seguro”, cabendo os demais objetivos políticos relacionados ao desenvolvimento do país e a estabilidade, ao componente civil e ao policial.

Os “Elementos da Arte Operacional” selecionados para a análise do “desenho operacional” são os seguintes: Estado Final Desejado (EFD), Centro de Gravidade (CG), Abordagem Direta e Indireta, Linhas de Esforço, Alcance Operativo, Tempo, Faseamento, Transição e Risco. Destes, será destacado o EFD que traduz a intenção política: “garantir o ambiente seguro e estável”<sup>9</sup>.

### **A Aplicabilidade dos Fundamentos da Teoria de Clausewitz ao Combate em Operações de Paz**

A guerra é uma mera continuação da política por outros meios<sup>10</sup>.

Os ensinamentos de Clausewitz podem ser muito mais abrangentes do que a leitura e interpretação direta

dos seus preceitos. A obra “Da Guerra” (1832), tem acentuada percepção da realidade e da natureza do poder militar, úteis aos conflitos complexos e às operações de paz<sup>11</sup>.

A visão política da obra de Clausewitz consta em oito livros, colocando que a estratégia militar deve consistir em uma ampla, complexa, persuasiva e transversal análise dos esforços militares, considerando as pessoas, a sociedade, a cultura, a ética e o governo<sup>12</sup>.

No livro dois, “Da Teoria da Guerra”, Clausewitz mostrou a importância da análise crítica no estudo de situação, o que deveria ser contínuo, principalmente durante as ações.

No terceiro livro, “A Estratégia”, Clausewitz definiu que a melhor estratégia deveria ser atacar o “ponto decisivo”. Essa afirmação pode ser interpretada em qualquer campo dimensional dos conflitos. Na concepção atual, o ponto decisivo pode estar em um elemento de valor abstrato, como o moral da força hostil<sup>13</sup>.

No Livro Quatro, “O Engajamento”, analisou o “centro de gravidade da guerra”. Este que, em um cenário complexo, pode ser tropas, armas, território, ou uma conquista psicológica, podendo se configurar na relação das hostilidades com a população civil, vítima das atrocidades<sup>14</sup>.

Um novo enfoque da obra de Clausewitz, perfeitamente adequado às operações de paz, mostra não ser necessária a derrota completa do inimigo, mas sim agir com total controle da força. Quando Clausewitz, valoriza o fator psicológico, ressalta a importância da liderança, da força de vontade do comandante e a necessidade de a tropa possuir coragem e autoconfiança. Assim, os conflitos teriam uma dimensão ampla, que abrangeria forças morais e físicas, envolvendo a relação em uma trindade indivisível<sup>15</sup>.

Essa trindade de Clausewitz confere a direção estratégica para a forma holística do problema militar, ou seja, os fins políticos. A trindade define a essência da estratégia militar, ou seja: o comprometimento com o povo, o comprometimento do governo e a visão humana da atuação de forças armadas.

Em missões de paz, pela permanente intenção política da ONU com o país onde ocorre a missão, existe a necessidade do comprometimento político das ações militares, em todos os níveis. Esse entendimento da abordagem clausewitziana pode ser claramente verificado na estratégia de atuação das tropas brasileiras no Haiti.

## A Ação do Componente Militar Brasileiro na MINUSTAH

Um problema comum à uma ação, é vontade de assumir os compromissos necessários para alcançar um consenso político<sup>16</sup>.

A categorização do espectro dos conflitos permanece em evolução, mas poderia ser distinguida em relação ao uso da força: dos conflitos observáveis até os arsenais nucleares. A tendência atual, no entanto, seria para diferentes formas de conflito, como o multidimensional conflito urbano<sup>17</sup>. Na análise da missão do componente militar no Haiti, em ambiente urbano, foi fundamental o estudo no objetivo estratégico e Estado Final Desejado, “manter o ambiente seguro e estável”.

Sob comando brasileiro, o contingente de tropas da ONU, desde o início da missão em 2004, incluiu tropas de mais de vinte países. O contingente brasileiro contava com oficiais do Estado-Maior do componente militar, de um Batalhão de Infantaria de Força de Paz (BRABATT) e de uma Companhia de Engenharia (BRAENGCOY), totalizando o efetivo de cerca de 1200 brasileiros. No biênio 2014 e 2015, o cargo do *Force Commander* foi exercido pelo Gen Div José Luiz Jaborandy Jr.

A influência da estratégia brasileira pode ser analisada pelos Elementos da Arte Operacional: Estado Final Desejado, Centro de Gravidade, Abordagem Direta e Indireta; Linhas de Esforço; Alcance Operativo; Tempo; Faseamento e Transições; e Risco.

Observando os objetivos iniciais da missão em 2004, verificou-se que o componente militar esteve desde o início focado no “Estado Final Desejado”: “manter um ambiente seguro e estável”. Isso porque já nas primeiras ações, ainda em 2004, sob comando do general brasileiro Augusto Heleno Ribeiro, o esforço foi direcionado ao “Centro de Gravidade” do conflito, ou seja, as ações hostis das *gangs* haitianas. O fator “tempo”, oportunidade, foi essencial para a neutralização das ações hostis e determinaria o sucesso da missão.

O planejamento estratégico definiu uma “Linha de Esforço” para as ações militares, isso permitiria sair do estado inicial e atingir EFD. Essa linha possuía “objetivos intermediários”, como as áreas de *Cité Soleil* e Forte Nacional. Ao mesmo tempo, o “faseamento” da operação não perdeu de foco as considerações civis, com extremo controle do uso da força. Assim, o “risco” de insucesso foi dirimido pelo estabelecimento de nítidas regras de engajamento, delimitando o “Alcance Operativo”.

O BRABATT foi empregado na principal área hostil da capital *Port-au-Prince*. Nessa área, a dimensão humana foi importante para o resultado final dos combates, pois a não observância da consequência política das ações, seja pelo soldado empregado dentro das vielas urbanas, seja pelos comandantes de fração, agiria de forma negativa no EFD. Essa visão permitirá mais tarde a “transição” para o período de paz e estabilidade da missão, por ocasião da retirada das tropas. Foi observado o importante fator psicológico da trindade de Clausewitz, a visão holística do envolvimento entre o povo, os fins políticos e a ação das forças armadas<sup>18</sup>.

A atuação da BRAENGCOY, que em 2004 foi direcionada para as funções militares de combate de Movimento e Manobra e Proteção, “abordagem direta”, com a evolução da situação na missão, passou a assumir os trabalhos voltados para os assuntos civis, passando para a “abordagem indireta” militar. O objetivo dessa estratégia era fortalecer o apoio da população à ação das tropas, bem como enfraquecer a sensação de insegurança e qualquer forma de apoio da população às *gangs*.

Com o terremoto de 2010, que deixou cerca de

300.000 pessoas mortas, o esforço em engenharia da MINUSTAH foi aumentado, permitindo o auxílio imediato para a reconstrução e deixando um legado como importante para o desenvolvimento do país. A prontidão das tropas, fator “tempo,” diante de uma das piores catástrofes da história, permitiu também fortalecer o apoio da opinião pública interacional quanto ao trabalho realizado pelo componente militar na MINUSTAH.

A BRAENGCOY realizou, nesses 10 anos, a perfuração de 60 poços artesianos, a remoção de 9.577 metros cúbicos de escombros, a construção e reforma de mais de 230 instalações civis e militares, a limpeza de 9.250m de valas, a produção de 360 milhões de litros de água potável, a reparação de 795.700 m2 de estradas e a execução de 486.561 m3 de terraplenagem, ações que ajudaram na melhoria da qualidade de vida do povo deste país<sup>19</sup>.

No “faseamento” operativo, após a retomada de pontos estratégicos e posterior estabelecimento de pontos fortes em *Cité Soleil* e Forte Nacional, o contingente brasileiro estabeleceu o controle e patrulhamento

constante nas áreas instáveis, buscando conquistar o apoio da população.

Pela dimensão humana do combate, as mesmas tropas que conduziam o braço forte, conduziam também as atividades de Assuntos Civis com atividades de Ação Cívico-Social (ACISO), demonstrando o comprometimento do soldado em proteger o bem-estar e a segurança do povo haitiano. Assim, a postura militar seria ligada ao compromisso direto com os princípios dos direitos humanos, demonstrando o envolvimento da tropa com as aspirações democráticas e consequências políticas.

O Brasil, desta forma, obteve a possibilidade de demonstrar uma estratégia militar vitoriosa, sendo conquistada desde 2004, sob o capítulo VII da Carta das Nações Unidas, com base na ação firme clausewitziana. No entanto, essa sensação de segurança do país, que vem sendo garantida pelo componente militar, precisa avançar para o novo estágio com a transferência das conquistas militares para a tutela da ação civil dos órgãos haitianos.



Vista aérea do Haiti, “País Montanhoso”, 13 de fevereiro de 2014.



Ação Cívico Social (CIMIC) do BRABATT em Cité Soleil, área mais violenta da capital haitiana antes da chegada das tropas da ONU em 2004, 12 de junho de 2014.

## Novo Desafio do Componente Militar, a Transferência da Capacidade Securizadora – Observações do Force Commander

Mudanças culturais/sociais são susceptíveis de levar décadas e gerações para atingir plenamente.<sup>20</sup>

O desafio da transferência das conquistas militares são expressas pelo Gen Jaborandy:

Acho que é cauteloso mantermos aqui, pelo menos, um pequeno contingente do componente militar, porque se houver necessidade – e eu espero que isso não aconteça – de retornar o contingente militar, será mantida uma infraestrutura que possa ser reforçada. É também importante entender que o componente militar não reflete apenas segurança, mas é também apoio humanitário, é a mitigação dos efeitos de desastres naturais, é a sensação de segurança, é a integração e amizade de outros

povos, particularmente os latino-americanos, com o povo do Haiti<sup>21</sup>.

Passados mais de dez anos, muito tem se questionado sobre a permanência das tropas no Haiti. Em cada renovação do mandato, o Conselho de Segurança analisou as condições do país em relação aos objetivos da missão. O principal propósito é que não seja prejudicado o trabalho conquistado.

A situação atual do Haiti, em função da instabilidade política, está frágil e volátil, podendo se deteriorar rapidamente. Há manifestações por todo o país e por razões distintas, como melhoria das condições de ensino e aumento salarial para os professores, falta de energia elétrica, falta de água, carência na assistência médico-hospitalar, dentre outras<sup>22</sup>.

Fortalecer a democracia local é um passo fundamental para que a ONU não precise novamente enviar outros efetivos internacionais. Assim, o trabalho nesta última fase de missão compreende o desafio de aproximar as

conquistas do componente militar com a devolução das responsabilidades para a segurança pública do país<sup>23</sup>.

Outro fato importante a ressaltar é o evento extraordinário do terremoto em 2010 que acabou adiando o planejamento de retirada de tropas. O resultado catastrófico, principalmente na capital *Port-au-Prince*, demandou ao componente militar o restabelecimento e manutenção da segurança do país e a retomada da construção pela engenharia militar, a fim de permitir o trabalho das demais agências humanitárias da ONU e dos organismos internacionais.

Após essas considerações, o novo mandato manteve a presença de tropas para que o trabalho da MINUSTAH, em sua fase final, possa ser implementado.

O mandato da MINUSTAH mudou nesses dez anos. Inicialmente, na implantação da missão, enfatizava-se a necessidade de assegurar a segurança, a estabilidade. Era uma postura, digamos, mais rude, mais agressiva, mais forte. Hoje, o mandato dessa missão é apoiar o governo haitiano no trabalho de manter a estabilidade.<sup>24</sup>

Torna-se necessário um acordo de vontade política local, pois a manutenção da Paz é uma espécie de assistência humanitária, um campo em que a ONU tem um papel de liderança no mundo, mas que a paz duradoura depende do próprio país.

E o desafio é justamente esse, é você trabalhar num ambiente de Estado de Direito, ajudando o país a cumprir a suas metas, apoiando o governo, protegendo a população na direção do futuro... Hoje, as operações continuam sendo operações de presença, de dissuasão, muita presença na rua, mas prioritariamente contando com a participação, em atividades prioritariamente conjuntas, da Polícia das Nações Unidas e a Polícia do Haiti.<sup>25</sup>

A estratégia securitizadora no caso Haiti, portanto, precisa evoluir o estado de segurança, *capability*, para a estabilidade, *capacity*.

Para mim, segurança é parte da estabilidade. E a estabilidade, para mim, é uma coisa muito ampla. Falo em estabilidade institucional, em estabilidade política. Não podemos apostar todos os nossos esforços na segurança, porque a segurança, eu poderia dizer, foi conquistada em 2005, 2006, logo após a implementação da missão. O que nós precisamos agora é atrair

investimentos, é criar estabilidade e maturidade política e institucional que possa garantir àqueles que acreditam no país colocar aqui seus investimentos e trazer a geração de riqueza, a melhoria das condições de vida da população.<sup>26</sup>

Concluindo, sobre a visão do *Force Commander*, é possível dizer que uma resposta para o desafio do caso haitiano, seria integrar as instituições nacionais, públicas e privadas, com o seu povo. Dessa forma, seria possível também evoluir da estratégia militar clausewitziana e assim vencer o novo desafio.

O *Force Commander* da MINUSTAH, General de Divisão JOSÉ LUIZ JABORNADY JUNIOR, assumiu a missão em 15 de março de 2014 e faleceu no dia 30 de agosto de 2015, vítima de um infarto, durante o exercício de suas funções.

Em nota oficial, a Presidenta da República Federativa do Brasil, Dilma Rousseff, lamentou o falecimento do general dizendo que foi com grande tristeza que recebeu a notícia. A Presidenta comentou, ainda, que o General Jaborandy contribuiu com sua dedicação, profissionalismo e espírito de liderança para os esforços de preservação da paz e da segurança na nação-irmã do Haiti, sendo que o Brasil perdeu um grande brasileiro.

Em nota oficial da ONU, o secretário-geral também lamentou a morte do general brasileiro. Ban Ki-moon mostrou seu agradecimento pela liderança e dedicação de Jaborandy pela causa da paz e ofereceu suas sinceras condolências à sua família e ao governo brasileiro por esta perda trágica.

A representante especial do secretário-geral da ONU no Haiti, Sandra Honoré, considerava Jaborandy como um comandante admirável, respeitoso e um exemplo de oficial do Exército:

Após o começo de seu mandato na MINUSTAH em 15 de março de 2014, o general Jaborandy Jr. trabalhou arduamente para consolidar a segurança no Haiti. Ele fará muita falta para todos que trabalharam com ele de forma incansável e com sacrifício para a estabilidade do Haiti.

## Considerações Finais

Em síntese, o sucesso da estratégia militar brasileira no Haiti, segundo a essência da teoria da guerra de Clausewitz, abre espaço agora para o envolvimento civil em busca do sucesso político da MINUSTAH.

Assim sendo, a estratégia militar que vem sendo o suporte da segurança pública no Haiti, precisa encontrar sua solução no restabelecimento das instituições democráticas nacionais. Não basta a vontade internacional e sim o entendimento interno do país que ele pode viver além do suporte militar da trindade clausewitziana.

Por fim, a estabilização de segurança e reconstrução da estabilidade são termos distintos que, mesmo que próximos temporalmente, envolvem atribuições de atores diferentes. A compreensão do aspecto cultural e a participação de organismos regionais serão importantes para o sucesso da missão da ONU no Haiti. ■

*O Tenente-Coronel Márcio Saldanha Walker é doutorando em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Graduou-se como oficial de Cavalaria na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 1996. Possui os Cursos de Paraquedista Militar, Operações Psicológicas e Mestrado em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2004. Foi observador Militar na Missão das Nações Unidas no Sudão (UNMIS) em 2008 e Ajudante de Ordens do Force Commander da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do HAITI (MINUSTAH) em 2014. Comandou o 10º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado no biênio de 2010 e 2011.*

## Referências

1. Feldmann, A.; Montes, J. E. "Haiti: tribulaciones de un Estado colapsado", *Rev. cienc. polít.* (Santiago, v. 28, n. 1, 2008) p. 245-264
2. Mendes, F. *Clausewitz, o realismo estrutural e a paz democrática: uma abordagem crítica*, (Contexto int.), (Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 79-111, June 2012).
3. Brasil. Exército Brasileiro. "EB20-MC-10.211": *Processo de planejamento e a condução das operações terrestres*. (Brasília: EME, 2014).
4. Verenhitch, G. "A MINUSTAH e a política externa brasileira: motivações e consequências". (Santa Maria: UFSM, 2008).
5. Ibid.
6. Brasil. Ministério da Defesa. "MD 30-M-01": *Doutrina de Operações Conjuntas 1º vol.*, (Brasília: EMCFA, 2011).
7. Clausewitz, Carl von. "Teoria da Guerra", in Clausewitz, Carl von. *Da Guerra*. London: Oxford University Press, 1984. (versão traduzida pela EGN, p. 138-197)
8. Heleno R. P., A. "O componente militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti", *Revista Sangue Novo*, n. 12, 1 sem. (Resende: AMAN, 2007).
9. Brasil (2014). Op. Cit.
10. Clausewitz (1984). Op. Cit
11. Bassford, C. *The Primacy of Policy and the 'Trinity' in Clausewitz's Mature Thought*. In STRACHAN, Hew; HERBERG-ROTHER, Andreas. (eds.) "Clausewitz in the Twenty-First Century". (London: Oxford University Press, 2007) p. 74-90.
12. Abegglen, C. M. V. *The Influence of Clausewitz on Jomini's Précis de l'Art de la Guerre*. War Studies King's College. (London, 2003).
13. Clausewitz, (1984). Op. Cit.
14. Echevarria, A. J. "Clausewitz's Center Of Gravity: It's Not What We Thought", *Naval War College Review*, Winter 2003, Vol. LVI, No. 1 (USA: Naval War College, 2003).
15. Howard, M. *Clausewitz: a very short introduction*. London: Oxford University Press, 2002 [1983]. p. 49 - 61.
16. Schnaubelt, C. M. "Complex operations and Interagency Operational Art", *Prism*, v. 1, n. 1, p. 37-50, 2009.
17. Moreland, S.; Jasper, S. *A comprehensive approach to operations in complex environments*. (Monterrey: Center for Civil-Military Relations, 2014).
18. Nye, J. S. *O futuro do poder*. (São Paulo: Benvirá, 2012).
19. Matéria publicada no Portal Brasil, em 10 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/defesa-e-seguranca/2015/06/companhia-brasileira-de-paz-completa-uma-decada-no-haiti>> Acesso em: 19 ago. 2015.
20. Schnaubelt (2009) Op. Cit.
21. Jaborandy Jr, J. L. (2014). Entrevista do Force Commander, Gen Div Jaborandy, à Defesanet, em 7 jul. 2014, após dez anos da MINUSTAH. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/ph/noticia/15893/Os-desafios-da-Minustah-na-visao-do-Force-Commander/>> Acesso em: 22 ago. 2015.
22. Jaborandy Jr, J. L. (2015) Entrevista do Force Commander, Gen Div Jaborandy, em 23 jan. 2015, ao site G1 da Globo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/01/haiti-pode-se-deteriorar-rapidamente-diz-brasileiro-comandante-de-missao.html>> Acesso em: 30 ago. 2015.
23. Coning, C. de. "The United Nations and the Comprehensive Approach." International Relations and Security Network (ISN) ETH Zurich Leonhardshalde 21, LEH 8092 (Zurich, Switzerland, 2008). Disponível em: <<http://www.isn.ethz.ch/Digital-Library/Publications/Detail/?lang=en&id=99501>> Acesso em: 2 ago. 2015.
24. Jaborandy Jr, J. L., (2015) Op. Cit.
25. Ibid.
26. Ibid.